

Violência obstétrica: percepção da puérpera no parto normal
Obstetric violence: perception of puerperal women in normal delivery
Violencia obstétrica: percepción de las puérperas en parto normal

Recebido: 16/03/2022 | Revisado: 08/04/2022 | Aceito: 11/06/2022 | Publicado: 11/06/2022

Juliana Gomes da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4568-6443>

Centro Universitário Brasileiro

E-mail: julianagsilva16@gmail.com

Matheus Vinicius Barbosa da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1295-6301>

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

E-mail: matheushue30@gmail.com

Carlos Antonio de Lima Filho

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5517-0347>

Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

E-mail: cttoni2000@gmail.com

Elisabete Cassimiro de Melo

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9394-5940>

Centro Universitário Brasileiro

E-mail: elisabetecassimirodemelo29@gmail.com

Thiago Leonardo dos Santos

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7932-511X>

Centro Universitário brasileiro

E-mail: leorj_21@hotmail.com

Wênia Jéssica de Oliveira Cezar

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5231-4675>

Centro Universitário Brasileiro

E-mail: wenia.jessicaoliveira@gmail.com

Vanessa Vicente Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0587-1492>

Centro Universitário Brasileiro

E-mail: dravanessavicente@gmail.com

Thamires Siqueira da Silva Luz

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2937-7181>

Centro Universitário brasileiro

E-mail: mires_ts15@hotmail.com

Amanda de Oliveira Bernardino

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1011-8964>

Universidade de Pernambuco, Brasil

E-mail: amandaobernardino@hotmail.com

Filipe Torres da Silva

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1392-1522>

Centro Universitário Brasileiro, Brasil

E-mail: Filie.ftds@gmail.com

Resumo:

Uma em cada quatro mulheres brasileiras que tiveram parto normal, relataram terem sofrido violência obstétrica durante o parto. Violência essa que pode ser caracterizada pela apropriação do corpo e dos processos reprodutivos da mulher, praticada nas diversas formas e tipos por profissionais da saúde através de uma assistência desumanizada e pelo uso a hiper medicalização e da patologização dos processos fisiológicos, tirando da mulher sua liberdade e autonomia. O trabalho objetivou-se analisar qual o conhecimento das puérperas acerca da violência obstétrica durante logo parto. Buscou-se através da pesquisa bibliográfica, seguida de um levantamento de literatura nacional, feito através de uma leitura crítica e criteriosa, aspirando assim um aprofundamento teórico sobre o assunto, os trabalhos foram classificados quanto ao ano, autor, objetivo e resultados. Os resultados mostraram que a mulher sofre violência física, psicológica e institucional, antes, durante e após o parto, violência ocorrida através de práticas abusivas, intervenções sem sustentação de evidências científicas e do consentimento da mulher. Além disso, viu-se a perda do protagonismo, autonomia e liberdade da mulher, onde muitas delas desconhecem o que é violência obstétrica. Conclui-se que a violência obstétrica ainda é

um fato vivenciado por muitas mulheres e a falta de conhecimento e esclarecimento por parte dos profissionais deixa a mulher em posição de vulnerabilidade.

Palavras-chave: Violência contra a mulher; Obstetrícia; Parto normal.

Abstract:

One in four Brazilian women who had a normal birth reported having suffered obstetric violence during childbirth. The violence can be characterized by the appropriation of women's bodies and reproductive processes practiced in different forms and types by health professionals through dehumanized care and hyper-medicalization and pathologization of physiological processes, taking away from women their freedom and autonomy. The objective of this work was to analyze the knowledge of postpartum women about obstetric violence during childbirth. It was sought through bibliographic research, followed by a survey of national literature, made through critical and careful reading, thus aspiring to a theoretical deepening on the subject, the works were classified according to year, author, objective, and results. The results showed that women suffer physical, psychological, and institutional violence before, during, and after childbirth, violence that occurs through abusive practices, interventions without the support of scientific evidence, and the woman's consent. In addition, the loss of protagonism, autonomy, and freedom of women was seen, and many of them are unaware of what obstetric violence is. It is concluded that obstetric violence is still a fact experienced by many women, and the lack of knowledge and clarification on the part of professional's leaves women in a position of vulnerability.

Keywords: Violence against women; Obstetrics; Normal birth.

Resumen:

Una de cada cuatro mujeres brasileñas que tuvo un parto normal relató haber sufrido violencia obstétrica durante el parto. Violencia que puede caracterizarse por la apropiación del cuerpo y los procesos reproductivos de las mujeres, practicada en diferentes formas y tipos por los profesionales de la salud a través de la atención deshumanizada y el uso de la hipermedicalización y patologización de los procesos fisiológicos, arrebatando a las mujeres su libertad. autonomía. El objetivo de este trabajo fue analizar el conocimiento de púerperas sobre la violencia obstétrica durante el parto. Se buscó a través de una investigación bibliográfica, seguida de un relevamiento de la

literatura nacional, realizada a través de una lectura crítica y atenta, aspirando así a una profundización teórica sobre el tema, los trabajos fueron clasificados según el año, autor, objetivo y resultados. Los resultados mostraron que las mujeres sufren violencia física, psicológica e institucional, antes, durante y después del parto, violencia que se da a través de prácticas abusivas, intervenciones sin respaldo de evidencia científica y consentimiento de la mujer. Además, se vio la pérdida de protagonismo, autonomía y libertad de las mujeres, donde muchas de ellas desconocen lo que es la violencia obstétrica. Se concluye que la violencia obstétrica sigue siendo un hecho vivido por muchas mujeres y la falta de conocimiento y esclarecimiento por parte de los profesionales deja a las mujeres en una posición de vulnerabilidad.

Palabras clave: La violencia contra las mujeres; Obstetricia; Parto normal.

Introdução

Uma em cada quatro mulheres brasileiras que tiveram parto normal sofreram algum tipo de violência obstétrica durante o parto, de acordo com pesquisa divulgada no ano de 2010, intitulada “Mulheres brasileiras e gênero nos espaços públicos e privados”, realizada pela fundação Perseu Abramo. As práticas violentas vão desde insultos, maus tratos durante a gestação e/ou no momento do parto, além de procedimentos desnecessários e dolorosos realizados sem consentimento da gestante (PEREIRA et al., 2016).

O parto representa um momento único na vida da mulher, marcado de sensações e emoções, trazendo a importância em que o parto seja conduzido da melhor forma possível, requerendo cuidado e atenção individualizada e humanizada, para que no final de todo o parto essa mulher consiga ter seus anseios e desejos respeitados (ZANARDO et al., 2017).

A violência obstétrica (VO) pode ser expressada e caracterizada de diversas formas, sendo percebida através da negligência na assistência, discriminação social, violência verbal, através de tratamentos grosseiros, violência física, ameaças, humilhação intencional, além do uso inadequado de procedimentos e intervenções desnecessários. A VO causa a perda da autonomia e a incapacidade de a mulher decidir livremente sobre seu corpo e sexualidade, afetando negativamente a sua qualidade de vida. Sendo este tipo

de violência podendo ser caracterizado com uma violência de gênero, pois é praticada a uma categoria específica (LANSKY et al., 2019).

Apesar dos avanços científicos e tecnológico empregado no ciclo gravídico e puerperal, a assistência prestada ao parto representa uma realidade preocupante tanto nas maternidades públicas, como privadas. A Organização Mundial de Saúde declarou que “No mundo inteiro, muitas mulheres sofrem abusos, desrespeito e maus-tratos durante o parto nas instituições de saúde” tais tratamentos evidenciam que essas mulheres tem seus direitos desrespeitados e violados (RIBEIRO et al., 2017).

Diante dessas considerações e sobre a problemática apresentada, viu-se a necessidade de buscar através de estudos sobre o assunto abordado, maiores informações e entendimento de um tema tão negligenciado. Perante isso, o foco do nosso trabalho é analisar qual o conhecimento das puérperas acerca da violência obstétrica durante o parto e através dos objetivos específicos saber, identificar a compreensão das gestantes acerca dessa violência obstétrica durante o parto, verificando na literatura quais os tipos de violência mais praticados durante todo esse processo.

Metodologia

Trata-se de um estudo de revisão de literatura, onde a fim de se alcançar o objetivo proposto, buscou-se através da pesquisa bibliográfica, seguida de levantamento de literatura nacional, a busca por evidências para permitir um conhecimento maior acerca do tema “Violência obstétrica: na percepção da puérpera no parto normal”

Percorreu-se as etapas: elaboração da questão norteadora e objetivo geral do estudo. A partir daí, fez-se buscas através da seleção de artigos, teses, e dissertações disponíveis nas bases de dados como: google scholar (google acadêmico), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), The Scientific Electronic Library Online (SciELO), durante os meses de agosto a novembro de 2021, utilizando como descritores “violência contra a mulher”, “obstetrícia” e “parto normal”. Durante a processo de parto, gestação e aborto, a mulher está sujeita a inúmeras formas de violência, diante disso, surgiu a necessidade de se buscar através dos estudos mais recentes, evidências científicas acerca da temática.

A escolha se deu através da leitura de títulos, resumos e textos na integra, os critérios de inclusão foram artigos originais completos em português, disponíveis entre

os anos de 2016 a 2021, publicados nas bases Google acadêmico, SciELO ou BVS, e que respondessem o tema proposto; os artigos que não se adequaram ao estudo foram excluídos.

Foram feitas análises e interpretação dos trabalhos de maneira crítica e criteriosa, em seguida foram remetidos a discussão perante a abordagem da literatura acerca do tema. Por não envolver seres humanos durante a pesquisa, sendo uma análise secundária de dados feita através da revisão de literatura, não houve a necessidade de aprovação ou apreciação perante o Comitê de Ética e Pesquisa (CEP), no entanto, foram mantidas a veracidade das ideias, conceituação, definição dos autores e sua originalidade.

Resultados e discussão

Após a triagem dos artigos nas bases de dados selecionadas (n=50), aplicando os critérios de inclusão e exclusão determinados, foram selecionados 12 artigos, estes estão descritos na tabela abaixo, de acordo com autor, ano, objetivo, autor e resultados da obra. (quadro 1)

Quadro 1. Caracterização dos estudos selecionados.

Autor/ano	Objetivo	Principais resultados
QUADROS et al. 2016.	Compreender as contribuições da enfermagem obstétrica para as ações de educação em saúde voltadas ao processo de parturição.	O enfermeiro obstetra através de estratégias educativas, auxilia que a mulher assuma seu papel de protagonista no processo de parto e nascimento, garantindo que o parto seja um processo fisiológico e menos intervencionista.
ESTUMANO et al. 2017.	Analisar os resultados de pesquisas, sobre as reflexões acerca da violência obstétrica, analisando a percepção das parturientes acerca de violência e as principais formas de violência obstétrica sofridas pelas mulheres brasileiras.	Evidenciou-se que mulheres menos esclarecidas são mais vulneráveis a sofrer violência obstétrica durante o parto, e que são frequente a realização de práticas desnecessárias como: “toque vaginais repetitivos utilizações

		de ocitocina de forma indiscriminada”.
CARVALHO; ARAÚJO, 2018.	Analisar a percepção das puérperas sobre a violência obstétrica durante o trabalho de parto e parto.	As mulheres desconhecem o que é violência obstétrica, no entanto relatam que sofrem violência verbal e maus tratos. A realização de procedimentos é vista com naturalidade já que esses procedimentos não são esclarecidos, a mulher sofre violência de várias formas e o profissional tira da mulher sua autonomia.
GUIMARÃES; JONAS; AMARAL, 2018.	Identificar as percepções das mulheres sobre violência obstétrica no processo de parto.	Violência verbal, física, psicológica, negligência, essas são alguns tipos de violência relatada por mulheres durante o parto, essas condutas estão relacionadas a desorganização dos serviços, falta de estrutura, além da mal conduta dos profissionais.
ANDRADE et al. 2016.	Analisar os fatores associados à violência obstétrica de acordo com as práticas não recomendadas na assistência ao parto vaginal em uma maternidade escola e de referência da cidade de Recife.	Observou-se que em 89% entre as pacientes, foram utilizados procedimentos desnecessários e prejudiciais, tendo o incentivo aos puxos e a administração de ocitocina os mais frequentes.
OLIVEIRA et al. 2019.	Analisar as experiências de trabalho de parto e parto de mulheres que sofreram violência obstétrica.	Evidenciou-se que a violência obstétrica é pouco discutida nas instituições de saúde, podendo ser visualizado nos relatos das mulheres, o medo, a falta de informação e o desconhecimento do que é a violência obstétrica, mostrando ser um assunto que precisa ser mais discutido entre os profissionais de saúde.

NASCIMENTO et al. 2019.	Averiguar o conhecimento de mulheres sobre a violência obstétrica e verificar as formas de violência obstétrica vivenciadas por mulheres durante o processo de parturição.	Uma em cada quatro mulheres brasileiras sofrem algum tipo de violência obstétrica durante o parto, a falta de informação leva a mulher a ter um parto desumanizado, além de aumentar a vulnerabilidade diante de procedimento desnecessário, sendo os mais acometidos: amniotomia (40%) e episiotomia (56%).
SILVA et al. 2019.	Analisar os saberes de puérperas sobre violência obstétrica.	Viu-se que a falta de informação, e o temor de perguntar sobre os processos praticados durante o parto foi um ponto importante entre as parturientes, deixando claro que toda mulher tem o direito de saber todos os processos durante o parto.
PASCOAL et al. 2020.	Analisar a percepção de puérperas a respeito da violência obstétrica em maternidade de um município paraibano.	Mais da metade da amostra do estudo não sabiam sobre violência obstétrica, além de relatarem o não recebimento de informações sobre o assunto durante as consultas de pré-natal.
RIBEIRO et al. 2020.	Conhecer a percepção das múltiparas acerca das suas experiências com a violência obstétrica.	A violência obstétrica mostrou-se cada vez mais natural por parte de alguns profissionais. As mulheres pobres, negras, profissionais do sexo, usuárias de drogas são as mais vulneráveis. O desconhecimento por parte dessas mulheres leva a procedimentos desnecessários.
TEIXEIRA et al. 2020.	Identificar o conhecimento das parturientes sobre violências obstétricas.	A falta de informação durante o pré-natal contribui para falta de conhecimento acerca da violência obstétrica.

Fonte: Dados da pesquisa (2021)

A partir dos dados obtidos durante a pesquisa, foi possível identificar que a maioria das mulheres possuem compreensão limitada sobre violência obstétrica e muitas desconhecem o termo, essa falta de conhecimento torna a mulher vulnerável a tais atos, pois há uma certa dificuldade em sua definição.

A ausência de conhecimento e confiança nos profissionais de saúde durante a assistência na fase de trabalho de parto, conduz as mulheres a aceitação de intervenções desnecessárias como: a hiper medicalização, toques vaginais repetitivos, amiotomia e episiotomia sem antes informar a necessidade de tais práticas. Para que essa mulher tenha autonomia do seu corpo faz necessário que essa mulher tenha conhecimento de tudo que for feito com seu corpo.

Em relação ao objetivo proposto, observou-se que todos os autores versaram sobre a percepção das puérperas acerca da VO vivida durante o parto (PASCOAL et al., 2020; NASCIMENTO et al., 2019; SILVA et al., 2019; RIBEIRO et al. 2020; CARVALHO et al. 2018; TEIXEIRA et al., 2020).

Em todo o mundo, há relatos de abusos sobre as mulheres, além de desrespeitos durante o parto e puerpério dentro as instituições de saúde, ameaçando não só a vida como sua integridade física e moral. Diante do contexto exposto, podemos dizer que a VO é mais do que uma violência de gênero, envolve questões sociais, econômicas e raciais (RIBEIRO et al., 2020).

Entre as violências sofridas durante o parto destacam-se os tratamentos realizados de maneira grosseira, ameaças, repressões, humilhações, gritos e desrespeitos, tais violências podem trazer danos irreparáveis a essas mulheres, podendo gerar repercussões psicológicas que serão levadas para toda a vida (GUIMARÃES et al., 2018; SILVA et al., 2019).

Verificou-se que o desconhecimento das mulheres em relação a VO foi relatado pela maioria das puérperas, além de terem seus direitos e escolhas desrespeitados durante todo processo de parto (ESTUMANO et al., 2017). É importante que as mulheres tenham acesso a tais informações já nas primeiras consultas durante o pré-natal. Pois essas práticas são vistas pelos profissionais de forma banal, não considerando tais condutas

como violência; desmerecendo todo o momento em que a mulher se encontra (PASCOAL et al., 2020).

A normatização de condutas abusivas por partes de profissionais, tenta ser justificada culpando a alta demanda dos serviços, expressando uma atenção tecnicista, mecanizada, impessoal e desumanizada. Essas práticas observadas, passaram a ser vistas com mais frequência nos serviços de saúde (CARVALHO; ARAUJO, 2018). Aliado ao desconhecimento de grande parte das mulheres sobre a violência obstétrica, como mostrado em pesquisas realizadas no Brasil sobre as características do parto, onde verificou-se que uma em cada quatro mulheres brasileiras já sofreram violência durante a gestação e parto, contudo desconheciam essas atitudes como violência (PASCOAL et al., 2020; LANSKY et al., 2019; CARVALHO, 2018).

Com a patologização do parto observou-se o uso indiscriminado de intervenções desnecessárias, como a episiotomia, praticada em 56 % das parturientes, seguido do uso da amniotomia, e da ocitocina exógena. O despreparo dos profissionais, a falta de conhecimentos das gestantes, além da falta de humanização nas maternidades, contribui para que atos como esses continuem acontecendo (NASCIMENTO et al., 2019).

O papel do enfermeiro obstetra é fundamental no trabalho educativo para que a mulher consiga assumir seu papel de protagonista durante todo o processo de parto, sendo durante as consultas do pré-natal onde a gestante estabelece um vínculo com o profissional que lhe atende, e a partir daí percebe-se a necessidade de profissionais preparados e qualificados para orientar essas mulheres quanto aos seus direitos, inseguranças, medos, ou limitações (QUADROS; REIS; COLOMÉ, 2016).

É durante as consultas do pré-natal que essa mulher deveria ter acesso a todas as informações gestacionais inclusive sobre VO. Contudo, observou-se que uma grande parcela das mulheres não recebe todas as informações completas durante as consultas. Em consonância com estudo, onde foi observado que grande das mulheres apresentam conhecimento limitado quanto a práticas obstétricas violentas, sendo relacionado a déficits de informações durante o período do pré-natal. (TEIXEIRA et al., 2020).

Considerações Finais

Através do presente estudo, conclui-se que a prática da violência obstétrica é cada vez mais frequente e rotineira nas maternidades públicas e privadas, tornando-se imperceptível pelos sujeitos envolvidos, onde a falta de impunidade e ausência de leis que caracterizam tais atos como crime também contribui para o aumento do autoritarismo e posturas desrespeitosas para com as pacientes. A aceitação por parte dos profissionais e da paciente, faz com que condutas consideradas desnecessárias tragam algum alívio para a mulher após o nascimento de um filho saudável, compensando qualquer conduta antes recebida, violando assim os direitos das mulheres.

Apesar do tema violência obstétrica ser um tema atual, necessita-se de uma maior discussão das instituições brasileiras afim de frear tais práticas, diferente de outros países onde já existem leis específicas para tratar tal assunto. Diante dos resultados obtidos, viu-se a perda do protagonismo da parturiente, perda da autonomia, privacidade. Pôde-se perceber que grande parte das mulheres são vítimas das instituições de saúde, onde a falta de informação durante o pré-natal contribui para uma aceitação deste tipo de violência.

É fundamental destacar que essas mulheres tenham seus direitos respeitados e recebam uma assistência digna e humanizada durante toda a gestação e trabalho de parto, para isso é muito importante uma equipe treinada e capacitada que respeite esse momento tão significativo para a mulher.

É preciso que haja uma regularização, melhoria dos serviços, fiscalização e avaliação da atenção durante o parto e nascimento, a fim de que se tenha uma prática humanizada garantindo todos os direitos do binômio mãe-bebê.

Referências

ANDRADE, PON, et al. Fatores associados à violência obstétrica na assistência ao parto vaginal em uma maternidade de alta complexidade em Recife, Pernambuco. **Rev. Bras. Saúde Matern. Infant.**, Recife, 16 (1): 29-37 jan. / mar., 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Departamento de Ações Programáticas Estratégicas**. Despacho SEI/MS n. 9087621, de 03 de maio de 2019. Brasília, 2019.

CARVALHO. T. P. M., ARAUJO. C.L.F. Percepção das puérperas de parto normal sobre violência obstétrica. **Enfermagem do Brasil**, v.17, n.6, p. 619-26, 2018.

ESTUMANO, V. K. C. et al. Violência obstétrica no Brasil: casos cada vez mais frequentes. **Revista Recien**. São Paulo, v. 7, n. 19, p. 83-91, 2017.

GUIMARÃES, L.B.E.; JONAS, E.; AMARAL, L.R.O.G. Violência obstétrica em maternidades públicas do estado do Tocantins. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, 26(1): e43278. 2018.

LANSKY, S.; SOUZA, K.V.; PEIXOTO, E.R.M.; et al. Violência obstétrica: Violência obstétrica: influência da Exposição Sentidos do Nascer na vivência das gestantes. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 24, n. 8, p.2811-2824, 2019.

MATERNIDADE ATIVA. **Violência Obstétrica. Parto do Princípio Mulheres em Rede pela Maternidade Ativa**: 2015. Pág. Única. Disponível em: <<http://www.partodoprincipio.com.br/viol-ncia-obst-trica>>. Acesso em: 05 abril .2021

NASCIMENTO. S.L.; et al. Conhecimentos e experiências de violência obstétrica em mulheres que vivenciaram a experiência do parto. **Enfermería Actual de Costa Rica**, n. 37, p. 66-79, 2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). Prevenção e eliminação de abusos, desrespeito e maus-tratos durante o parto em instituições de saúde. **Genebra**, Suíça: OMS, 2014.

OLIVEIRA, M.C.; MERCES, M.C. Percepções sobre violências obstétricas na ótica de puérperas. **Rev. Enferm. UFPE online**; 11(supl.6): 2483-2489, jun. 2017

PASCOAL. K.C.F., et al. Violência obstétrica na percepção de puérperas. **Rev. Nursing**, v. 23, n. 265. p.4221-4226, 2020.

RIBEIRO. D.O.; et al. A violência obstétrica na percepção das múltipara. **Rev. Gaúcha de Enferm**, v: 41, p. 20190419, 2020.

SENA. M.M., TESSER. C.D. Violência no brasil e o ciberativismo de mulheres mães: relato de experiências. **Comunicação e saúde**, v. 21, n. 60, p. 209-20, 2017.

SILVA. F.C. O saber de puérperas sobre violência obstétrica. **Rev.enferm UFPE**, on line, 13:e2421100, 2019.

TEIXEIRA. P.C. Percepção das parturientes sobre violência obstétrica: A dor que quem calar. **Revista Nursing**, 23(261): 3607-3615, 2020.

ZANARDO. G.L.P.; et al. Violência obstétrica no Brasil: uma revisão narrativa. **Psicologia social**, v. 29, p. 155043, 2017

Processo de revisão por pares

O presente Artigo foi revisado por meio da avaliação aberta. A rodada de avaliações contou com a revisão de **Ronny Batista de Sousa; Paulo Vitor de Souza Pinto; Raimundo Borges da Mota Junior**.O processo de revisão foi mediado pela Profa. Dra. Priscilla Chantal Duarte Silva.